



Eixo Temático: Educação Diversidade, Inclusão e Desigualdades

ADAPTAÇÕES PEDAGÓGICAS E ENSINO COLABORATIVO NA INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

PEDAGOGICAL ADAPTATIONS AND COLLABORATIVE TEACHING IN THE INCLUSION OF STUDENTS WITH ASD IN BASIC EDUCATION

Autora Maristela Beal da Rosa¹
Coautoras Liliana Passini²
Teresinha Slongo Mrozinski³
Cleusa Ziesmann⁴
Sonize Lepke⁵

RESUMO

A inclusão escolar é resultado de um processo histórico marcado pela exclusão de indivíduos considerados fora dos padrões sociais e educacionais. Com o avanço das políticas públicas, especialmente a partir da década de 1990, busca-se garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem de todos os estudantes. No entanto, ainda persistem desafios relacionados à efetivação dessas políticas no cotidiano escolar. Este estudo tem como objetivo analisar a importância das adaptações pedagógicas e do ensino colaborativo no processo de inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, baseada na observação participante e em relatos de experiência no contexto da educação básica. Os resultados evidenciam que a inclusão efetiva depende da construção de vínculos, da escuta sensível, da flexibilização das práticas pedagógicas e do trabalho colaborativo entre professores. Conclui-se que a inclusão não se limita ao acesso à escola, mas envolve a participação ativa e a aprendizagem significativa dos estudantes.

Palavras-chave: Adaptação pedagógica; Ensino colaborativo; Inclusão escolar; Prática docente; TEA.

¹Pós-graduada em Psicopedagogia Neuropsicopedagogia, Graduada em Pedagogia, Graduanda 2ª Licenciatura em Educação Especial e Inclusiva pela UFFS Campus de Erechim, Pedagoga na EMEI Viadutos, Pedagoga na EMEF Rui Barbosa, e-mail maristelabeal@yahoo.com

²Pós-graduada em Educação Infantil Anos Iniciais e Educação Especial Infantil, Graduada em Pedagogia, Graduanda da 2ª licenciatura em Educação Especial e Inclusiva pela UFFS Campus de Erechim, Pedagoga na EMEI Criança Feliz, e-mail lilipasini77@gmail.com

³Pós-graduada em Gestão Escolar, em Orientação Supervisão Escolar e Atendimento Educacional Especializado, Graduada em Pedagogia, Supervisora Educacional, na EEEF São João Batista de La Salle. e-mail tere_mrs@hotmail.com

⁴Doutora em Educação PUCRS, Professora na UFFS Campus de Cerro Largo, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7114-5432>, e-mail cleusa.ziesmann@uffs.edu.br

⁵Doutora em Educação UCS, Professora na UFFS Campus de Erechim, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7053-7845>, e-mail sonize.lepke@uffs.edu.br

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

ABSTRACT

School inclusion is the result of a historical process marked by the exclusion of individuals considered outside social and educational standards. With the advancement of public policies, especially since the 1990s, efforts have been made to ensure access, permanence, and learning for all students. However, challenges related to the effective implementation of these policies in everyday school contexts still persist. This study aims to analyze the importance of pedagogical adaptations and collaborative teaching in the inclusion process of students with Autism Spectrum Disorder (ASD). This is a qualitative and descriptive study based on participant observation and experience reports. The results show that effective inclusion depends on the development of bonds, sensitive listening, the flexibility of pedagogical practices, and collaborative work among teachers. It is concluded that inclusion is not limited to access to school but also involves active participation and meaningful learning for students.

Keywords: Pedagogical adaptation; Collaborative teaching; School inclusion; Teaching practice; ASD.

INTRODUÇÃO

Com o avanço das políticas públicas¹, especialmente a partir da década de 1990, a **educação inclusiva** passa a ser compreendida como um direito, especialmente a partir da década de 1990, a **educação inclusiva** passa a ser compreendida como um direito, assegurando o acesso, a permanência e a aprendizagem de todos os estudantes. No entanto, a efetivação dessas políticas ainda enfrenta desafios no cotidiano escolar, especialmente no que se refere à inclusão de estudantes com deficiência, Transtorno do Espectro Autista (TEA), altas habilidades e superdotação, público da educação especial.

O diagnóstico de TEA ocorre a partir da identificação de dificuldades na comunicação social e de padrões comportamentais restritos e repetitivos a partir de registros de dificuldades na comunicação social e padrões comportamentais restritos e repetitivos que causam prejuízos significativos para a autonomia da criança, jovem ou adulto. Essa condição do neurodesenvolvimento, pode causar dificuldades no processo de escolarização, exigindo da escola e dos professores a adoção de práticas pedagógicas flexíveis e individualizadas.

¹Documentos de regulação nos procedimentos da Educação Inclusiva:

1988 Constituição da República Federativa do Brasil;

1994 Declaração de Salamanca;

1996 LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, que no artigo 59 preconiza que os sistemas de ensino devem assegurar aos estudantes currículo, métodos, recursos e organizações;

1999 Decreto nº 3.298, que dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Portaria do MEC nº 1.793.

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

Conforme Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016), os transtornos do neurodesenvolvimento, como o TEA, apresentam impacto significativo nos processos de aprendizagem, exigindo abordagens pedagógicas individualizadas e interdisciplinares.

Segundo dados recentes do Censo Escolar (2024), houve aumento de 44,4% nas matrículas de estudantes públicos da educação especial na Educação Básica. Fato que exige mudanças nas práticas pedagógicas e no ensino. Neste sentido, buscamos analisar se as adaptações pedagógicas e o ensino colaborativo podem contribuir na escolarização dos estudantes com TEA?

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo analisar as contribuições das adaptações pedagógicas e do ensino colaborativo na inclusão de estudantes com TEA na educação básica. Uma vez que, entendemos a partir de Vigotski (1997), que o desenvolvimento humano ocorre nas interações sociais, sendo fundamental considerar as mediações pedagógicas que ocorrem na escola.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva, fundamentada na observação participante e em relatos de experiências vivenciadas no cotidiano escolar. Tal abordagem mostra-se adequada por possibilitar uma compreensão aprofundada das práticas pedagógicas inclusivas, bem como das relações estabelecidas no contexto educacional, considerando a complexidade dos processos de inclusão.

Os dados foram produzidos a partir de registros sistemáticos realizados entre os anos de 2021 e 2026, configurando-se como um recorte da trajetória profissional da pesquisadora na educação básica. Esses registros foram organizados em forma de diário de campo, contemplando observações, intervenções pedagógicas e reflexões acerca das práticas desenvolvidas no processo de inclusão escolar.

O estudo envolveu estudantes da educação infantil e do ensino fundamental que apresentavam dificuldades relacionadas à participação, permanência e aprendizagem no contexto escolar, estudantes estes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

A análise dos dados foi realizada de forma interpretativa, com base na organização e categorização dos registros, buscando compreender os desafios enfrentados no processo de

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

inclusão escolar e as estratégias pedagógicas adotadas, com ênfase nas adaptações curriculares e no ensino colaborativo. A análise considerou também contribuições da abordagem neurobiológica da aprendizagem, conforme Rotta (2016), que destaca a importância da compreensão dos processos cognitivos no planejamento pedagógico inclusivo.

Destaca-se que a pesquisa respeitou os princípios éticos, a identidade dos participantes e das instituições envolvidas, foram utilizados nomes fictícios, representados por flores, assegurando o sigilo das informações e o anonimato dos participantes, conforme orientações para pesquisas em educação. Por fim, o texto passou por revisão linguística com apoio de ferramenta de inteligência artificial, visando aprimorar a clareza, coesão e correção gramatical.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola constitui-se como um espaço e tempo de desenvolvimento humano e interações sociais, e é nesse ambiente que os estudantes aprendem a compartilhar, brincar e estabelecer relações interpessoais, fundamentais para sua formação integral. E quando o estudante com TEA está especialmente na escola comum, por vezes, os rotulamos.

Porém, como destaca Smith (2008), a proposta é olhar para as potencialidades dos estudantes, pontos fortes, e dificuldades específicas de aprendizagem, isso demanda maior intencionalidade pedagógica, especialmente no que se refere à organização do ambiente, à previsibilidade das rotinas e à mediação das interações (WILLIAMS; WRIGHT, 2008). Assim, torna-se fundamental que as práticas pedagógicas considerem tais singularidades, promovendo estratégias estruturadas e sensíveis às necessidades dos estudantes.

Conforme Bosa (2002), o desenvolvimento de crianças com TEA ocorre de maneira singular, exigindo intervenções que respeitem suas especificidades. Nessa perspectiva, Orrú (2012) destaca que a prática pedagógica inclusiva deve ser intencional, estruturada e pautada na compreensão das necessidades. Além disso, ao ingressar na escola, a criança vivencia diferentes emoções, como medo, ansiedade, resistência e motivação, trazendo consigo experiências familiares que influenciam diretamente sua adaptação ao ambiente escolar (SALTINI, 2008).

As experiências analisadas evidenciam que a empatia, a escuta sensível e a construção de vínculos são elementos centrais no processo inclusivo, favorecendo a permanência e a

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

participação dos estudantes. Estudantes com TEA podem apresentar formas distintas de interação social, o que exige do professor uma postura mediadora e intencional na promoção dessas interações (WILLIAMS; WRIGHT, 2008).

Nesse sentido, destaca-se a importância do AEE como suporte complementar ao ensino regular, bem como do ensino colaborativo. Conforme Gately e Gately (2001), a colaboração entre professores ocorre em diferentes níveis e requer investimento contínuo na comunicação e na construção de relações profissionais.

Tais considerações, apresentam casos vivenciados, por mim, enquanto professora da educação básica, uma trajetória pautada no respeito à singularidade e processo de inclusão. Ao retomar o registro do meu diário encontrei alguns dados importantes, como o de “Cravo”, que era uma criança que chega à escola com dois anos no Maternal I na Escola Flor de Lótus. Tinha dificuldades de concentração, não conseguia prestar atenção nas propostas em sala e fora dela. Sua participação nas atividades dependia muito do seu interesse, caso contrário precisava ser convencido. Gostava de subir em locais possíveis e impossíveis, sempre havendo necessidade de acompanhamento.

Se uma escada estivesse na sala de aula, já subia, não tinha medo, e era resistente às regras e comandos, seletivo na alimentação e na hora do soninho relutava e normalmente não dormia. A partir de todas essas observações conversei com a psicóloga e com a família e fizemos o encaminhamento para uma avaliação. Foi diagnosticado com TEA quando não era mais meu estudante, não soube qual o nível de suporte. Enquanto professores e escola tínhamos clareza que ele pertencia aquele espaço e fizemos o impossível para que o processo de adaptação e evolução acontecesse.

Conforme Rotta, Bridi Filho e Bridi (2016), crianças com transtornos do neurodesenvolvimento podem apresentar dificuldades na autorregulação, atenção e comportamento adaptativo, o que exige intervenções estruturadas e consistentes no ambiente escolar. Para tanto, a partir do trabalho colaborativo entre professores da sala, atendentes, servidores, concordamos que é necessário primeiramente estabelecer o diálogo com a família.

Foi então necessário conhecer a rotina da família e estabelecermos, juntos, as ações necessárias. Na escola e na família foi reorganizado uma rotina conjunta, fazendo com que “Cravo” tivesse previsibilidade no seu cotidiano. Para além dessa alteração que resultou do

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

estudo de caso, entendemos que era necessário algumas estratégias como a redução de estímulos sonoros, como a música clássica ou infantil em volume baixo, conversas acolhedoras quando ele fugia da sala ou em situações de medo, como no deparo de colegas com algum diagnóstico.

Nesse contexto, a sala de aula exige rearranjos, e por vezes, determinadas ações não funcionam. O importante é observar, adaptar materiais e propostas sem perder o foco nos processos de “Cravo” e dos outros estudantes laudados, possibilitando interações sociais e as aprendizagens, respeitando o ritmo de cada um, suas habilidades e suas dificuldades. Isso diz respeito a todos os estudantes da sala não apenas ou laudados “rotulados”. No olhar sensível percebemos as diferenças e permitimos que elas possibilitem a inclusão na sala e posteriormente na sociedade, com empatia, rotina definida e socialização.

Nesse ano recebi o retorno de uma estudante, a “Rosa”, com diagnóstico de TEA, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno Opositivo Desafiador (TOD). Rosa foi afastada do contexto escolar por apresentar episódios de crises consecutivas, agressividade, ameaça à sua integridade e à de seus colegas. Permaneceu em casa, realizando terapias que visavam o seu retorno ao contexto escolar.

O retorno modificou a rotina da sua sala de aula, e exigiu empatia por parte de todos. Com sua chegada percebemos que era necessário encontrar estratégias, isto é, antever crises e agir. De acordo com Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016), alterações no controle inibitório e na regulação emocional são comuns em quadros associados ao TEA e TDAH, o que reforça a importância de estratégias antecipatórias no contexto escolar.

Entre professora e estudantes, conversamos e definimos que ao observar que a mesma estivesse ficando com o rosto avermelhado e agindo de forma mais agressiva, deveriam aos poucos pedir permissão para ir ao banheiro. Esse acordo permitia que todos saíssem e o barulho fosse diminuindo, onde a estudante ficasse sozinha com sua atendente. Assim que ficasse calma saíria para o pátio e após todos retornarmos para sala, isso ocorreu, somente uma vez, a estudante não teve mais crises. Por outro lado, “Rosa”, apresentou inicialmente resistência significativa às atividades, permanecendo na sala de AEE a maior parte do tempo na 1ª semana, e no pátio da escola.

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

Diante do contexto, estratégias conforme destaca a autora Deborah Smith, com uso de instruções diretas, claras e rotinas bem definidas foram implantadas. A mediação sem pressão, organização do ambiente e combinação prévia com a turma para redução de estímulos em momentos de desregulação. Gradualmente, observou-se aumento da participação, por meio de estratégias de negociação, incentivo e construção de vínculos. Evidenciou-se também a importância do diálogo com a família, especialmente na construção de uma relação mais positiva com a escola. Esse caso reforça que a inclusão exige sensibilidade, planejamento intencional e respeito ao tempo de cada estudante, além do fortalecimento do trabalho colaborativo.

Conforme Gately e Gately (2001), a colaboração docente pode ocorrer em diferentes níveis, sendo que os dados analisados indicam a predominância de práticas ainda iniciais, com limitações na integração entre os profissionais.

Em outro caso, atuei como bidocente do estudante “Girâneo”, sendo possível perceber os diferentes graus de interação descritos por Gately e Gately (2001), nos quais a colaboração entre os profissionais ocorre de maneira gradual. Inicialmente, aconteceram conversas e algumas trocas pontuais; entretanto, à medida que o estudante passou a permanecer integralmente em sala de aula e algumas propostas começaram a ser desenvolvidas, percebi que caminhávamos para um estágio de maior comprometimento colaborativo.

Essa experiência evidencia que, mesmo em contextos onde há bidocência, a ausência de diálogo, alinhamento e confiança entre os profissionais pode comprometer o desenvolvimento de práticas inclusivas. Assim, reforça-se que a efetividade da inclusão não depende apenas da presença de dois docentes em sala, mas, sobretudo, da qualidade das relações estabelecidas, do planejamento conjunto e do compromisso coletivo com o processo educativo.

Dessa forma, as experiências analisadas demonstram que a inclusão escolar não ocorre de maneira homogênea, exigindo práticas flexíveis, escuta sensível e compromisso coletivo. O ensino colaborativo, aliado às adaptações pedagógicas e a políticas institucionais adequadas, constitui-se como elemento essencial para promover a participação, a permanência e a aprendizagem dos estudantes.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou que a inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ainda constitui um desafio no contexto da educação básica, apesar dos avanços legais e teóricos. Constatou-se que o acesso à escola não garante, por si só, a participação e a aprendizagem, sendo necessárias práticas pedagógicas intencionais, planejadas e contextualizadas.

As adaptações pedagógicas mostraram-se fundamentais para atender às singularidades dos estudantes, permitindo a flexibilização de atividades, a organização do ambiente e o uso de estratégias diferenciadas. Tais práticas favorecem não apenas a aprendizagem, mas também o desenvolvimento social e emocional dos estudantes.

Outro aspecto central refere-se ao ensino colaborativo, que se apresenta como elemento essencial para a construção de práticas inclusivas. No entanto, evidenciou-se que esse trabalho ainda ocorre de forma incipiente, sendo necessário maior investimento institucional na formação docente e na organização de tempos e espaços de planejamento coletivo.

Destaca-se, ainda, a importância da construção de vínculos, da escuta sensível e da mediação pedagógica como elementos fundamentais no processo de inclusão. A atuação docente, nesse contexto, assume uma dimensão ética e relacional, comprometida com o reconhecimento da diversidade.

Conclui-se que a inclusão escolar efetiva depende da articulação entre adaptações pedagógicas, ensino colaborativo e compromisso institucional, sendo um processo contínuo que exige reflexão, formação e transformação das práticas educativas bem como o fortalecimento de políticas públicas e condições institucionais adequadas.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-5*. Washington, DC, 2014;

BARON-COHEN, Simon. *Mindblindness: An essay on autism and theory of mind*. Cambridge: MIT Press, 1995;

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 2002;

GATELY, Susan E.; GATELY, Frank J. Understanding coteaching components. *Teaching Exceptional Children*, **Reston**, v. 33, n. 4, p. 40–47, 2001;

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015;

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003;

MENDES, Enicéia Gonçalves; VILARONGA, Carla Ariela Rios. Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 95, n. 239, p. 1–16, 2014;

ORRÚ, Sílvia Ester. *Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: Wak, 2012;

SCHWARTZMAN, José Salomão. *Autismo infantil*. São Paulo: Memnon, 2011;

SKLIAR, Carlos. *A inclusão que é nossa e a diferença que é do outro*. In: _____. *A educação que se pergunta*. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 15–32;

SMITH, Deborah Deutsch. *Introdução à educação especial: ensinar em tempos de inclusão*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008;

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. *Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016;

ROTTA, Newra Tellechea; BRIDI FILHO, César Augusto; BRIDI, Fabiane Romano de Souza. *Neurologia e aprendizagem: abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2016;

THOUSAND, Jacqueline S.; VILLA, Richard A. *Creating an inclusive school*. Alexandria: ASCD, 1989;

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.